



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LEITURA E INTERTEXTUALIDADE: UMA PROPOSTA ENVOLVENDO POESIA E ARTES VISUAIS

Valnikson Viana de Oliveira; Daniela Maria Segabinazi

Universidade Federal da Paraíba - UFPB; valnikson18@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba - UFPB; dani.segabinazi@gmail.com

Resumo: Para que se desenvolva uma educação de qualidade e um planejamento eficiente, é preciso ir além do embasamento teórico e dos projetos pré-estabelecidos pelo sistema educacional. É necessário que o professor tenha atenção e sensibilidade para perceber o que se deve levar em conta na construção de seu projeto de aula. A literatura, enquanto arte, geralmente acaba recebendo um tratamento marginal dentro das aulas de Língua Portuguesa, mesmo quando a leitura constitui motivo de preocupação constante de profissionais que trabalham com a educação. Em muitos casos, verifica-se a consideração apenas pelo gênero prosa, além da mutilação de uma obra através da utilização de fragmentos de forma descontextualizada e despropositada. Nesta perspectiva, propomos apresentar uma proposta de prática metodológica partindo da intertextualidade para abordar a correlação entre poesia e artes visuais - vinculadas à tradição pictórica e ao meio publicitário - no Ensino Médio; constituindo suporte para que os professores trabalhem com textos diversos, incentivando um contato mais eficaz dos alunos com trabalhos artísticos verbais e não verbais. Para tal, buscamos amparo em teorias tratadas por Vigotsky (1988), Kleiman (2005), Soares (2009), Bakhtin (1992), Geraldi (2001) e Antunes (2003), além da documentação oficial referente ao ensino de língua materna e literatura.

Palavras-chave: Ensino, Leitura, Intertextualidade, Poesia, Artes Visuais.

Introdução

Os documentos oficiais para o ensino de Língua Portuguesa sugerem a utilização de gêneros discursivos contemporâneos e outras modalidades como instrumento didático para o ensino desta. Encontram-se nas Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM, 2006) explanações que ressaltam o fato desses gêneros, também em prosa ou em verso, ser de importância significativa para o ensino da referida disciplina, seja por transgredir, denunciar e, principalmente, por serem reconhecidas no contexto dos alunos, alertando para o fato de que as escolhas utilizadas pelos professores devem ter critérios, revelando a qualidade estética.

Qualquer texto escrito, seja ele popular ou erudito, seja expressão de grupos majoritários ou de minorias, contenha denúncias ou reafirme o status quo, deve passar pelo mesmo crivo que se utiliza para os escritos canônicos: Há ou não intencionalidade artística? A realização correspondeu à intenção? Quais os recursos utilizados para tal? Qual seu significado histórico-social? Proporciona ele o estranhamento, o prazer estético? (BRASIL, 2006, p. 57)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A escolha de gêneros populares, presentes no convívio dos alunos e com relevante valor estético, colabora na identificação e empatia destes em relação às obras literárias, tidas muitas vezes como de difícil compreensão. O estudo de diferentes gêneros deve, contudo, possibilitar aos alunos uma maior compreensão da língua dentro dos mais variados contextos de produção e através de determinados objetivos sociais e comunicativos. Além disso, entendemos que a leitura em sala de aula deve vir ligada a um estímulo desta atividade fora de sala de aula, por isso, para que se desenvolva uma educação de qualidade, é preciso ir além do embasamento teórico e dos projetos pré-estabelecidos pelo sistema educacional. É necessário que o professor tenha atenção e sensibilidade para perceber o que se deve levar em conta na construção de seu projeto de aula, especialmente, quando se trata do texto literário.

Nesta perspectiva, apresentamos uma proposta de metodologia vinculada a turmas do Ensino Médio a partir da intertextualidade presente em textos verbais e não verbais. Em primeira instância, destacamos o gênero poesia, visando o empenho na apresentação de um número maior de textos literários em sala de aula, escolhidos a partir de uma temática central para serem lidos em sua totalidade, não em fragmentos, abarcando o trabalho de poetas canônicos ou não. Atentamos, ainda, para atividades com trabalhos pictóricos, relacionando a imagem e a escrita por meio das mesmas atribuições intertextuais. Fez-se necessário, também, realçar o meio publicitário pela grande assimilação das realizações de outros suportes e culturas na vida dos jovens.

1. O Ensino de Língua Portuguesa e o Trabalho com a Literatura no Ensino Médio

O ensino de Língua Portuguesa deve se pautar nos seus usos, com a finalidade de permitir que os estudantes adquiram as habilidades necessárias para o bom desempenho na leitura e na escrita, reconhecendo os textos que circulam socialmente e lançando mão deles para dar conta das necessidades e demandas que a vida lhes reserva. O processo de aprendizagem é essencialmente social, refletindo a relação interpessoal e intrapessoal dos alunos na construção do conhecimento. Para Vygostky (1988), a relação do sujeito com o objeto do conhecimento parte de uma mediação feita pelo outro através da linguagem, para depois passar ao âmbito individual. Nisso, vemos uma relação direta entre a imagem que o aluno tem do professor e a qualidade do aprendizado do aluno, com aquela influenciando positiva ou negativamente nesta. Segundo a perspectiva vygotskyana, a ação mediadora do professor fornece as condições e os instrumentos que o aluno precisa deter para adquirir novos conhecimentos. O autor divide o desenvolvimento em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dois níveis: o real, capacidade autônoma que o aluno possui de realizar tarefas; e o potencial, capacidade em realizar tarefas com o auxílio de alguém com maior conhecimento. O autor realiza as suas ações dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros capazes (VYGOTSKY, 1988, p. 97).

O ensino só é possível se tiver como foco a criação da ZDP, criação esta que se dá através do estabelecimento de tensões que obrigam ao aluno a evolução do nível de conhecimento para outro mais complexo. Para o referido autor, é necessário que a sala de aula apresente estímulos e noção de desafio para que os alunos progridam nos estágios de desenvolvimento. Já, Bakhtin (1992, p. 294), diz que “[...] o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro”, e, adotando essa concepção, nega seu papel tradicional como o único sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem da língua, construindo o conhecimento em interação com o aluno. Kleiman (2005) e Soares (2009) nos emprestam a perspectiva do letramento para o ensino da leitura e da escrita nas aulas de Língua Portuguesa, levando em consideração o contexto social do aluno. Para Soares, letramento é o “Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (2009, p. 39), assim, o conceito está ligado aos usos e práticas de leitura e de escrita. E, Kleiman (2005, p. 9) afirma que o letramento não é um método, mas sim a imersão no mundo da leitura e da escrita, e, nesse sentido, podemos dizer que o professor pode garantir essa imersão através de práticas diárias de leituras, trazendo diversos gêneros e suportes nos quais os alunos possam fazer contato com a leitura e a escrita.

Volochinov (1988) nos apresenta a noção de linguagem ligada à interação verbal, representando o produto enunciativo entre os indivíduos. A linguagem não se separa do locutor nem do ouvinte a que se destina. Ligando essa perspectiva ao contexto escolar, os alunos, ao produzirem seus textos, estariam produzindo para alguém situado socialmente, esperando também uma resposta, um retorno. Antunes (2003, p. 45) evoca a parceria e envolvimento entre os sujeitos interlocutores na produção de textos escritos afirmando que “[...] a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala”. Mesmo supondo condições de produção e recepção diferentes



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

das atribuídas à fala, devido ao tempo maior de sua elaboração, a escrita cumpre funções comunicativas, possibilitando atividades dialógicas entre indivíduos, relacionadas com o contexto social destes. Com isso, o texto escrito também varia em relação a sua forma e apresentação, seguindo certo modelo convencional, com algumas partes estáveis e organização um pouco fixa, implicando noções de diferença dentro dos próprios gêneros textuais. E, para somar, Geraldi (2001) coloca que o ensino gramatical somente terá sentido se servir de auxílio para o aluno, devendo partir justamente de sua produção textual. Com isso, torna-se indispensável uma atividade de análise linguística não presa apenas a correções relativas à estrutura gramatical, mas também ligada a questões concernentes à função comunicativa do texto, sua adequação a um propósito e sua organização interna. As OCNEM (2006) apontam uma nova perspectiva da disciplina da Língua Portuguesa no contexto do ensino médio:

[...] propõe-se a ampliação e a consolidação dos conhecimentos do estudante para agir em práticas letradas de prestígio, o que inclui o trabalho sistemático com textos literários, jornalísticos, científicos, técnicos, etc., considerados os diferentes meios em que circulam: imprensa, rádio, televisão, internet, etc. (BRASIL, 2006, p.33)

Desta forma, o professor também deve procurar trabalhar com textos literários na interface língua-literatura, além de textos de todas as esferas comunicativas, com a finalidade de estimular a reflexão e expandir o horizonte de conhecimento dos alunos. Sobre o desenvolvimento das competências interativa, textual e gramatical dos alunos, as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) afirmam que estas não se dão de forma isolada, pressupondo um processo de realimentação constante:

- a leitura de textos literários, opinativos, publicitários, entre outros, pressupõe a mobilização de conhecimentos linguísticos de que o aluno dispõe;
- a produção de textos orais e escritos no interior de um projeto de trabalho requer também o exercício da competência interativa, uma vez estabelecidos grupos de trabalho que devem apresentar produtos finais de seu processo de aprendizagem. (BRASIL, 2003, p. 59)

Os indicativos acima visam o trabalho com vários gêneros textuais, integrando-os para a composição de um produto final que converge para a utilização, manuseio e reflexão de todos os gêneros propostos e trabalhados em sala. As competências e habilidades propostas nos documentos oficiais permitem inferir que o ensino de Língua Portuguesa busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. O ensino deve proporcionar aos alunos meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se deparam, indo além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário.

2. Proposta Metodológica: A Intertextualidade em Textos Verbais e Não Verbais

A partir das perspectivas teóricas abordadas, apresentaremos atividades organizadas no projeto didático “A Intertextualidade através da Poesia e das Artes Visuais”, realizado em turmas do Ensino Médio; tratando dos conteúdos de forma articulada e solicitando uma maior participação do alunado a partir da abordagem de diversos textos verbais e não verbais. As etapas de tal planejamento contribuem para o desenvolvimento da leitura de textos literários e imagens, além da criação, da associação, da reflexão, da comparação, entre outras capacidades.

Primeira Etapa: Intertextualidade, Poesia e Pintura

Fazem-se algumas perguntas iniciais para os alunos: “Vocês já pararam para pensar em como será que todos os escritores, pintores, escultores, desenhistas, compositores, publicitários, jornalistas, diretores de cinema e televisão criam suas obras? Será que cada um deles tem uma ideia única, absolutamente original, que surge ou se acende de repente? Será que eles são influenciados de alguma forma por outras ideias e criações atuais ou do passado?” Promove-se um debate sobre as questões colocadas, incorporando-se exemplos trazidos pelos próprios alunos. Em seguida, apresenta-se a pintura “Mona Lisa” (1506), do pintor italiano Leonardo da Vinci (1452-1519). Pergunta-se sobre o conhecimento da tela à turma e explica-se que tal obra exerceu grande influência sobre outros pintores e artistas plásticos, posteriores ao Renascimento. Apresenta-se depois as obras “Mona Lisa” (1977), do artista plástico colombiano Fernando Botero (1932-) [Disponível em: <http://www.museuma.com/fernando-botero/mona-lisa.html>] e “Mônica Lisa”, do cartunista brasileiro Mauricio de Sousa (1935-), lançada no livro *História em Quadrões* (1989), [Disponível em: <http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=3&id=39>]. O primeiro quadro traz uma reprodução acrescida de traços no estilo “boteriano”, dominado por formas arredondadas. Já o segundo quadro replica a obra original com muito mais fidelidade, apenas trocando a figura renascentista famosa pela personagem das histórias em quadrinhos Mônica.

A turma será indagada sobre as diferenças e semelhanças



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

entre as versões da obra original. Partindo da discussão, explica-se que as três obras mantêm um diálogo, chamado de intertextualidade, que designa a criação de um texto a partir de outro pré-existente, cortejando com seu conteúdo ou forma.

Na sequência, explica-se que nenhum texto é totalmente “puro”. Todo texto é criado a partir de outro, produzindo novas ideias e sentidos. Será exposto também que, neste caso das pinturas, a intertextualidade se apresenta entre produções não verbais, mas que as produções verbais também podem se relacionar em um diálogo enriquecedor: um escritor pode criar seu texto inteiramente a partir de outro(s) já existente(s) ou apenas recorrer a partes de texto(s) alheio(s). Colocar-se-á que a intertextualidade pode ter diferentes propósitos (recriação, releitura, reflexão, crítica, humor, etc.), podendo se apresentar sob as mais diferentes formas de se expressar e se comunicar. Ela nos mostra que os temas são universais, mas que a maneira de abordá-los pode variar de acordo com cada indivíduo, época, gênero e intenção. Ressalta-se que nessa relação de um texto com outro, manifestada de forma explícita ou implícita, outros significados podem emergir. Para apreendê-los é importante reconhecer as referências usadas, já que a criação é em grande parte influenciada pela bagagem cultural do artista. O diálogo intertextual não é plágio, muito menos cópia, e, por isso, nas imagens analisadas, vemos a criação de textos a partir de outro texto já existente.

Em um outro momento, indica-se que, na literatura brasileira, muitos são os exemplos de obras que remetem a outra já existente, por tratarem do mesmo personagem ou da mesma temática. E, passa-se a apresentar os poemas “Soneto”, presente no livro “Lira dos Vinte Anos” (1853), de Álvares de Azevedo (1831-1852), e “Dormindo...”, que compõe a publicação póstuma *O Livro Derradeiro* (1961), de Cruz e Sousa (1861-1898). A leitura destes poemas, assim como de todos os outros apresentados neste projeto, deve ser realizada oralmente e de forma conjunta com a turma. Após a leitura dos dois poemas, realiza-se um levantamento escrito das palavras não compreendidas, devendo ser elucidadas todas as dúvidas de vocabulário. Discute-se sobre o que se trata cada poema e quais as possíveis relações entre os dois. A composição de Azevedo, vinculada ao Romantismo, retrata uma mulher adormecida, que é idealizada como um anjo sempre inatingível. Já Cruz e Sousa, vinculado à estética simbolista, retoma essa temática do sono da mulher amada, mas alude a uma musa mais sensual e às formas de seu corpo. Embora os enfoques sejam bem diferentes, nota-se uma ligação clara, explícita, entre os dois textos. Mostra-se que, no poema de Cruz e Sousa, há também outra referência, sendo esta ao escritor francês Émile Zola (1840-1902), grande nome do naturalismo e influência importante para o autor brasileiro. Para finalizar a etapa, o conceito de intertextualidade será reforçado em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sua aparição tanto nas instâncias não verbal quanto verbal.

Segunda Etapa: Intertextualidade, Charge e Publicidade

Depois de uma retomada expositiva do conteúdo apresentado até aqui, será mostrado novamente o quadro “Mona Lisa” (1506), sendo comparado desta vez com o anúncio publicitário realizado em 1998 pela marca de amaciantes de roupa Mon Bijou, vinculada ao grupo de produtos de limpeza Bombril [Disponível em <http://direitobemfeito.wordpress.com/2010/11/17/bombril-e-mona-lisa/>]. Na imagem, vê-se o ator Carlos Moreno (1954-) fantasiado como a figura do quadro de da Vinci, imitando a pose da obra original. Ao fundo, atrás do ator, nota-se o logotipo da Bombril e, abaixo dele, a frase “Mon Bijou deixa sua roupa uma perfeita obra prima”. Explica-se que o anúncio publicitário é uma produção composta, em geral, de imagem e texto, cuja finalidade é promover um produto e estimular sua venda e aceitação. Pergunta-se quais as semelhanças e diferenças entre as duas imagens. Questiona-se sobre o uso da expressão “obra prima” na propaganda. O profissional criador do reclame escolheu tais palavras em referência direta ao artista italiano e sua tela, até hoje considerada um marco artístico.

Mostra-se, em seguida, o anúncio criado pelo site de humor *Fábrica de Quadrinhos*, em que se divulga uma marca fictícia de chapinhas para alisamento de cabelo, a São Leonardo [Disponível em <http://www.fabricadequadrinhos.com.br/index.php?noticia=19135>]. Vemos na imagem uma versão da tela com a figura feminina, com cabelo crespo ao lado de uma reprodução da original italiana. Abaixo da primeira parte, lê-se a frase “Antes - Mona Crespa” e, abaixo da segunda, “Depois - Mona Lisa”, fato bem característico de anúncios destinados a produtos de beleza, informando, através de imagens, a qualidade de seu efeito para os consumidores. Vemos também a imagem do produto, o apetrecho de modelar cabelos, centralizada entre as figuras em cima delas, a frase “Há 500 anos fazendo a cabeça das mulheres”. Pergunta-se sobre a intertextualidade contida no anúncio, levando-se em conta seu objetivo humorístico. O tom jocoso vem ligado à brincadeira com o nome e aparência da obra de da Vinci, transformando Mona Lisa em Mona Crespa, além da utilização do primeiro nome do artista autor da obra como logomarca da chapinha: São Leonardo. A frase de efeito complementa ainda mais a intertextualidade do anúncio, colocando os anos que o separam da obra original como os anos que confirmam a qualidade e vendagem do produto a mulheres, seu grande público alvo. Ficará exposto que a publicidade é uma atividade profissional dedicada à difusão pública de ideias associadas a empresas, produtos ou serviços junto ao público, tendo em vista induzi-lo a uma atitude dinâmica favorável. Trata-se de um gênero bastante pluralizado. Em sentido estrito, tem um caráter



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

comercial, sendo parte de um conjunto de meios adotados para levar o produto ou serviço ao consumidor, geralmente de forma criativa, chamando a atenção dos compradores. Depois, será apresentada a tela “O Grito” (1893), do pintor norueguês Edvard Munch (1863-1944), juntamente à charge “Arte e Política - O Grito do Tucano”, do cartunista brasileiro Angeli (1956-) [Disponível em http://www.anarchyintheuk.blogspot.com.br/2004_05_01_archive.html], publicada na revista *Veja* de 23 de outubro de 1996. Explica-se que a pintura foi criada em momento difícil para Munch, em que se sentia cansado e doente, marcando a expressão da figura central da obra. O título da charge relaciona a tela norueguesa à política nacional. O tucano, no caso, era o então presidente Luís Henrique Cardoso (1931-) que, assim como os outros membros do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), era chamado dessa forma (devido o animal símbolo do partido ser um tucano). Em seguida, serão entregues aos alunos algumas questões orientadoras a serem respondidas oralmente: Na charge criada pelo cartunista Angeli, a partir do quadro do pintor norueguês Edvard Much, a cena está ambientada no Brasil. A partir de que elementos se pode concluir isso? Ao relacionar os elementos da obra de Munch retomados por Angeli, como se dá a intertextualidade entre as duas obras?

Depois de discutidas as respostas, se indagará sobre o conhecimento dos personagens caricaturados na charge e as dificuldades em interpretá-la. Depois se questionará sobre o significado da expressão facial da figura central da charge em encontro com a da pintura antes explicada. A situação política da metade da década de 1990 apontava para a pressão que o presidente da república sofria, tanto pela imprensa brasileira quanto pelos membros constituintes de outros partidos políticos, como os políticos José Sarney (1930-), do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Paulo Maluf (1931-), do Partido Progressista (PP), que aparecem ao fundo da imagem. Será colocado que a intertextualidade contida nesta charge, assim como em muitas outras, se dá de forma situada numa linha temporal, tendo seu entendimento precisamente ligado ao contexto em que esta é criada. A compreensão plena de uma charge depende também do reconhecimento de seu contexto temporal formador. Este gênero sempre vem ligado a especificidades temporais. Será mostrado que a charge é um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de caricatura, algum acontecimento atual com um ou mais personagens envolvidos. A palavra é de origem francesa e significa “carga”, ou seja, exagero nos traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Com isso, temos que Angeli transforma a expressão criada por Munch para “O Grito” (1893) em uma referência humorística dentro de sua charge. Por fim, será reforçado que a intertextualidade pode aparecer,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

assim como nas artes plásticas e na literatura, também na publicidade e na charge de crítica política, sendo construída a partir de abordagens verbais e não verbais.

Terceira Etapa: Diferenciando Paródia e Paráfrase

A última etapa inicia-se com uma pequena revisão expositiva do que foi visto até aqui, seguida da entrega e leitura do poema “Canção do Exílio”, presente no livro *Primeiros Cantos* (1846), do brasileiro Gonçalves Dias (1823-1864). Depois de uma discussão sobre a temática do poema, explica-se que seu autor o compôs cinco anos depois de partir para Portugal, onde fora cursar Direito na Universidade de Coimbra. Mostra-se a epígrafe escolhida por ele para acompanhar o poema apresentado. Tal pequeno texto seria a inspiração do autor para a escrita do poema. Trata-se de um fragmento da Balada (Lied) de Mignon, retirado do romance *Os Anos de Aprendizagem de Wilhem Meister* (1777/1785), do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). A epígrafe foi colocada pelo poeta, a princípio, no idioma original em que foi escrita, sendo traduzida em algumas coletâneas de poesia. Tal trecho muitas vezes não é mencionado ou lembrado na maioria das antologias a que o poema pertence. Explica-se que a epígrafe é um fragmento de algum texto de outro autor que precede um texto ou obra. Serve como “lema” do texto, da obra, capítulo ou poema. Pode ocorrer em uma página isolada, antes do início do texto, como uma abertura solene, ou logo abaixo do título. Na entrada de alguns gêneros, como o discurso formal e o sermão, considera-se a epígrafe como parte do texto, sendo o ponto de partida da discussão. Após a leitura do texto, pergunta-se sobre as possíveis relações de sentido entre o trecho de Goethe e o poema de Gonçalves Dias. Ressalta-se que, já na primeira estrofe, podemos perceber que a epígrafe escolhida por Gonçalves Dias retira do poema de Goethe o desejo que também vai desenvolver em sua “Canção do Exílio”: o de voltar à pátria. Com isso, expõe-se que há uma relação intertextual entre o poema do autor brasileiro e o trecho da obra do autor alemão.

Entrega-se em seguida o poema “E Agora, Meu?”, que compõe a coletânea *Feito Bala Perdida e Outros Poemas* (2008), de Ricardo Azevedo (1949-), desta vez já acompanhado de sua epígrafe: o trecho inicial da composição “José”, publicada no livro homônimo (1942) de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Após a leitura desta composição, apresenta-se o famigerado poema de Drummond em sua totalidade. Pergunta-se novamente sobre a relação de inspiração entre os dois textos, dessa vez ressaltando que os versos de Azevedo traçam uma releitura contemporânea dos de Drummond. A nova versão é recheada de gírias e problemas sociais do jovem brasileiro, mas segue as interpelações da estrutura do poema-base, além de conservar seus temas centrais: a solidão, a falta de espaço, a profunda angústia pela vida e pelo futuro. Explica-se que Paródia é a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

recriação ou a imitação de uma obra, com objetivos críticos, críticos, contestadores, irônicos, zombeteiros e humorísticos. Essa desconstrução é intencional e deve manter características para que possamos reconhecer o texto original então distorcido.

Apresenta-se, por último, a charge “Minas não há mais, José”, do cartunista Alves (1976-) [Disponível em <http://pjpontes.blogspot.com.br/2015/11/e-agora-jose.html>], publicada em 22 de novembro de 2014 no jornal Folha de S. Paulo. A imagem adapta um trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade como título: “[...] quer ir para Minas, / Minas não há mais. / José, e agora?”. Evocando o pessimismo marcante deste trabalho do famoso escritor, o chargista, que também é mineiro, retrata o personagem José “ilhado” no triângulo equilátero vermelho da bandeira de Minas Gerais, cercado de excessiva lama. Trata-se de uma referência à tragédia do município de Mariana, em que duas barragens da mineradora Samarco se romperam, empurrando terra, água e rejeitos sólidos advindos da mineração na região às casas da população. Pergunta-se aos alunos sobre a relação intertextual contida entre o poema e a charge: é igual àquela vista junto à composição de Azevedo? Em seguida, indica-se que, em contrapartida à paródia, a paráfrase é a recriação de um texto com outros elementos, mas conservando as mesmas ideias, não devendo ser confundida com um simples resumo do texto original, já que apresenta detalhes em seu interim. Explicita-se que a imagem mantém o sentido do excerto de “José”, com o personagem ainda querendo ir para Minas, sem que o lugar exista mais. Observamos que em ambas as obras a alegria e a felicidade já existiram, mas agora resta a incerteza do porvir ante o isolamento.

Avaliação

Após a realização do trabalho envolvendo a compreensão da intertextualidade por meio de textos verbais e não verbais, propõe-se a divisão dos alunos em grupos que terão acesso a diversas revistas e jornais previamente trazidos para a sala e aula. Cada grupo deverá encontrar pelo menos um caso de intertextualidade contido em algum dos suportes comunicativos presentes e confeccionar uma tabela seguindo o modelo abaixo: Exemplo de Intertextualidade / Obra Original / Tipo de Relação Intertextual. Nesse sentido, os alunos deverão levantar o máximo de informações sobre a obra-base e sua releitura, trazendo dados tais como o autor do texto, o contexto em que a obra foi produzida, etc., explicando, também, qual a relação entre o original e aquele a que ele serviu de inspiração. Tais informações também poderão ser recolhidas em pesquisas fora do ambiente escolar. O modelo da tabela deverá ser explicado a todos os alunos, que deverão elaborar um cartaz com tal tabela a ser



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

exposto aos demais estudantes, podendo ser fixado na sala para consultas posteriores.

Como atividade final, os alunos, ainda divididos em grupos, serão desafiados a criar uma paródia ou paráfrase do trecho inicial ou refrão de alguma música conhecida. Em relação à paródia, todos devem substituir a letra original por versos que abordem algum tema do momento: alguma personalidade, evento ou notícia do cenário nacional ou internacional. A atividade deve ser realizada com a turma dividida em grupos, sendo orientados a debater durante a produção do texto. Coloca-se que os textos devem ter a mesma musicalidade da letra original e respeitar o conceito apresentado deste tipo de intertextualidade. Deve-se apontar também que, para se construir uma boa paráfrase, deve-se fazer, inicialmente, uma leitura cuidadosa e atenta do texto original e, a partir daí, reafirmar e/ou esclarecer seu tema central, acrescentando aspectos relevantes de uma opinião pessoal ou acercando-se de críticas bem fundamentadas. Pode-se utilizar de alguns mecanismos para se criar uma boa paráfrase, condensando o texto-base através da troca de vocabulário, mas preservando sua mesma ordem de ideias: o emprego de sinônimos ou antônimos, a mudança da voz verbal e a conversão do discurso direto em discurso indireto. Ressalta-se a importância da revisão e da reescrita para os alunos, orientando-os a refletir sobre o que está sendo colocado no papel. Após a construção dos textos, cada grupo apresentará sua produção, explicando a presença do conceito de paródia e o diálogo entre as músicas, além da escolha pelo tema selecionado. Ao final de cada apresentação, deverá ser aberto um espaço para o esclarecimento de possíveis dúvidas. A turma fará uma votação e escolherá uma paródia e uma paráfrase para que todos cantem ou leiam juntos ao final da aula. Cada voto deverá ser justificado oralmente.

Algumas Considerações

Para que os alunos cheguem a ser leitores efetivos de literatura não basta serem capazes de decodificarem o texto escrito e entenderem sua estrutura, é preciso que extraiam do texto o maior número possível de informações num trabalho conjunto com o educador. O conhecimento intertextual propicia a compreensão de textos dos mais variados gêneros, incluindo as modalidades verbal e não verbal, já que a paráfrase e a paródia constituem fenômenos relacionados à leitura e à reelaboração textual. O exercício analítico induz o aluno a explorar o implícito e o subentendido, já que a identificação do texto-base possibilita evocar um conteúdo que é essencial para o entendimento do todo e de suas intenções.

Entendendo a língua como interação, acreditamos que a proposta de atividades apresentada neste trabalho abre a possibilidade de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

discussões em relação à importância do planejamento pedagógico para o incentivo da leitura crítica no Ensino Médio, dentro e fora da sala de aula. Um poema, uma pintura ou um anúncio publicitário só se deixam interpretar se o leitor estiver preparado a reconhecer nestes suportes diferentes níveis de informações e ideias. Assim como os textos são entendidos como espaços de diálogo entre autores, a leitura de diferentes formas de arte, incluindo aquela vinculada ao consumo, deve evocar a interação entre os alunos e com o professor, em participação ativa junto à construção de sentidos.

Referências

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e Tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- BRASIL. *PCN + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos PCN na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2003.
- GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2001.
- KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* São Paulo: Cefiel - IEL - Unicamp, 2005.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VIGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1988.